

# Representações e realidade social intersubjetiva

Ricardo Ossame\*



## RESUMO

*O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise do capítulo “Representações”, da obra A Representação do eu na vida cotidiana, de Erving Goffmann, e do capítulo “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana” da obra A Construção Social da Realidade, de Berger e Luckmann, com a finalidade de expormos objetivamente o pensamento de cada autor para, ao final da análise, estabelecermos a comparação entre as duas abordagens.*

Palavras-chave: *Representações, realidade social, atores sociais, vida cotidiana.*

## ABSTRACT

*The objective of this work is to analyze the chapter “Representações” in the work A representação do Eu na Vida Cotidiana by Erving Goffmann and the chapter “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana” in the book A Construção Social da Realidade by Berger and Luckmann, the intent being to objectively present the ideas of each author and establish a comparison them.*

Key Words: *Representations, Social reality, social actors, daily life.*

## INTRODUÇÃO

“Representações e realidade social intersubjetiva” é uma análise dos textos “Representações”, de Erving Goffmann, e “Os Fundamentos do conhecimento na vida cotidiana”, de Berger e Luckmann.

Buscamos primeiro comentar as reflexões de cada autor em particular, para depois estabelecermos as possíveis comparações.

Goffmann constrói seu pensamento tendo o espaço social como base e cenário de representação teatral do indivíduo. Berger e Luckmann tomam a vida cotidiana como a verdadeira realidade.

O trabalho apresenta como primeira parte a reflexão de Goffmann, com o título “O Ator Social” e a segunda parte a reflexão de Berger e Luckmann, com o título “Uma Realidade Intersubjetiva”.

## O ATOR SOCIAL

A reflexão sobre a representação social do indivíduo num contexto social definido configura-se como objeto de análise de Erving Goffmann na obra *A Representação do eu na vida cotidiana*. Enfatizaremos o conteúdo do capítulo “Representações”.

Goffmann divide o texto em oito itens que constituem um conjunto de caracteres da representação social de uma ou mais personagens da vida cotidiana, configurando-se como

\* Aluno do Mestrado em Natureza e Cultura na Amazônia da Universidade do Amazonas.





uma espécie de espinha dorsal do texto como um todo. Neste sentido, não faremos uma análise de cada item em si, mas daremos ênfase ao conjunto do texto.

Para Goffmann, do ponto de vista popular, o indivíduo dá o seu espetáculo “para o benefício dos outros”. Mas o que se pretende, segundo ele, é estudar a crença do indivíduo na impressão de realidade que busca dar àquelas que o estão observando. Essas idéias tornam-se presentes numa das passagens do autor:

*Ao representar um papel o indivíduo busca convencer seu público que a personagem que está ali naquele momento possui os atributos que aparenta possuir. Que as coisas são geralmente o que parecem ser (1992: 25).*

Na passagem citada, Goffmann comenta que o ator está inteiramente compenetrado de seu próprio número. Ele acredita sinceramente que as impressões de realidade que encena são a verdadeira realidade. Goffmann imprime a este a denominação de sincero. Por outro lado, verifica-se que o ator pode não estar completamente compenetrado de sua própria prática, na medida que não se importa com o que o público pensa dele ou da situação. Neste caso, quando o indivíduo não crê na sua atuação ou no que o público pensa dele, podemos chamá-lo de cínico. Mas mesmo com o seu descompromisso profissional, o cínico pode obter prazer com a reação do público. Porém, não se pode afirmar que todos os atores cínicos tenham como finalidade o “interesse pessoal” ou o lucro privado. O cínico pode enganar pelo que julga ser para o bem do público ou para o bem da comunidade, como por exemplo: “Um médico que receita medicamentos inócuos para tranquilizar seus pacientes”.

Podemos observar uma oscilação natural entre cinismo e sinceridade à medida em que o indivíduo, através de sua representação, começa a incorporar atributos que antes eram apenas para iludir o público.

Enfatizaremos agora os mecanismos que o indivíduo usa na sua representação. Antes porém, convém definir duas categorias fundamentais no texto de Goffmann:

*REPRESENTAÇÃO: Refere-se a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência (op. cit., p. 29).*

*FACHADA: É a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. É o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a representação (op. cit., p. 29).*

Podemos distinguir as partes padronizadas da fachada como cenário e fachada pessoal. O cenário refere-se às partes cênicas do equipamento expressivo. Compreende a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão construir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação executada diante, dentro ou acima dele. O cenário tende a permanecer na mesma posição de modo que o ator que usa determinado cenário não possa começar sua representação sem que o tenham colocado no lugar adequado e deva terminar sua representação assim que deixar o palco.

Somente em circunstâncias excepcionais o cenário acompanha seus atores: um enterro, uma parada cívica ou nos cortejos de reis e rainhas. Geralmente tais exceções parecem oferecer uma espécie de proteção extra aos atores que são ou se tornam momentaneamente sagrados.

A outra parte padronizada do equipamento expressivo, a fachada pessoal, se refere àqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator e que esperamos que o sigam onde quer que vá. São eles: a função ou categoria, o vestuário, sexo, idade, características raciais, altura e aparência, padrão de linguagem, expressões faciais e gestos corporais. Alguns desses veículos não podem variar, já outros, como expressões faciais, podem variar numa representação de um momento para outro. Podemos dividir a fachada pessoal em dois estímulos de acordo com a função exercida pela informação que esses dois estímulos transmitem:

**1. Aparência:** Seriam aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o *status* social do ator, seu trabalho ou profissão.

**2. Maneira:** Seriam os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima.

Uma maneira arrogante, agressiva, pode dar a impressão de que o ator espera ser a pessoa que iniciará a interação verbal e dirigirá o seu curso. Já uma maneira humilde pode dar a impressão de que o ator espera seguir o comando dos outros ou pelo menos que pode ser levado a proceder assim. Mas, a aparência e maneira podem se contradizer. Isso acontece com a capacidade do ator de criar situações que possam confundir seus observadores.

Exemplo: quando um ator parece ser de uma classe social mais elevada que sua platéia e age de maneira igualitária, íntima ou humilde, contrariando as expectativas de seu público.

Para se manter uma fachada, exige-se coerência entre conduta e representação. A impressão de realidade construída por uma representação é algo muito delicado e pode desmoronar com algum contratempo. A representação exige uma auto-expressão das qualidades e atributos do ator. Profissões como a de médico, lutadores e violinistas são exemplos disso. Alguns mostram que a dramatização pode ser um problema como no caso citado por Goffmann entre as enfermeiras clínicas e as enfermeiras cirúrgicas. Enquanto as enfermeiras cirúrgicas desempenham seu papel de fazer curativos ou aplicar injeções, não chamam a atenção de outros pacientes. As enfermeiras clínicas ao conversar com um paciente para observar sua respiração, a cor ou a tonalidade da sua pele, demorando um certo tempo em suas atividades, poderão passar a impressão aos outros pacientes de que estão “matando o tempo”.

Há ainda representações idealizadas pelo ator. Este tipo de representação implica em preservar a fachada de um determinado grupo ou casta. A representação de uma fachada idealizada significa que o ator busca proteger não só seu *status*, mas também seus valores, costumes, hábitos e segredos de sua comunidade. Não podemos considerar esse tipo de representação como cínica, pois possui um objetivo final que geralmente se diferencia do cínico, ou seja, proteger sua cultura.

Goffmann, ao pensar o indivíduo desempenhando um drama no processo de interação social, configura-o na condição de ator e público. A cada cena, atores trocam de lugar e





dão o seu espetáculo. O cenário se mistura ao ambiente social. Assim, uma sala de aula pode caracterizar muito bem um espaço de representação dramática. A disposição das cadeiras, da mesa, das luzes, do quadro de giz, bem como a disposição do professor e dos alunos configuram o cenário e os atores numa representação teatral.

### UMA REALIDADE INTERSUBJETIVA

Para Berger e Luckmann (1987: 35), “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de um sentido para eles, na medida que forma um mundo coerente”.

Berger e Luckmann propõem analisar a vida cotidiana, ou mais precisamente, o conhecimento que dirige a conduta na vida diária a partir do senso comum dos membros ordinários da sociedade. Os autores buscam explicar como a realidade do senso comum pode ser influenciada pelas construções teóricas dos intelectuais e outros comerciantes de idéias.

De certo modo, segundo os autores, o mundo da vida não é somente tomado como uma realidade da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles.

O mundo consiste em múltiplas realidades. A transição de uma realidade a outra é experimentada quase como um choque.

Exemplo: acordar de um sonho. Dentro das múltiplas realidades, há uma que se apresenta como a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana. Esta impõe-se à consciência de maneira urgente e intensa.

Tendo o indivíduo de experimentar um estado de total vigília, ou seja, é a maneira de vivenciar a vida cotidiana.

Os fenômenos dispostos em padrões parecem ser independentes da impressão que se tem deles e que se impõem à apreensão do indivíduo. Independentemente da entrada do indivíduo em cena, a realidade já aparece objetivada, constituída por uma ordem de objetos designados antes do indivíduo entrar em cena.

A linguagem usada configura-se como determinante na objetivação da realidade, pois determina o sentido que a vida cotidiana possui para o indivíduo. A linguagem marca as coordenadas da vida em sociedade. Vive-se em um lugar geograficamente determinado e participa-se de relações humanas através do uso da linguagem.

A linguagem da vida cotidiana organiza-se em torno do aqui (corpo físico) e o agora (o presente). Experimenta-se a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporal. A mais próxima é manipulada corporalmente pelo indivíduo, ou seja, o mundo onde ele atua e trabalha.

No mundo do trabalho a consciência do indivíduo é dominada pelo que está fazendo ou planejando fazer. Além disso, uma outra forma de realidade que se apresenta ao indivíduo é através do mundo intersubjetivo, ou seja, o mundo em que o indivíduo participa juntamente com outro indivíduo. Essa realidade se diferencia de todas as outras. O processo de interação em que o indivíduo se comunica com um outro corresponde à verdadeira realidade. As atitudes individuais são determinadas pelas concepções e objetivações que cada um tem do mundo.

As outras realidades, em comparação com a realidade da vida cotidiana, aparecem como campos finitos de significações dentro da realidade dominante. A arte e a religião fornecem excelentes ilustrações de transição da realidade cotidiana para outra realidade. Assim, a representação de uma peça teatral transporta o indivíduo a uma outra realidade no momento em que a cortina sobe, e o transporta de volta à verdadeira realidade assim que o pano desce. Algumas religiões, através de suas experiências espirituais, transportam o indivíduo a um estado de transe, configurando o desvio da atenção para uma outra realidade. Porém, a linguagem aparece nesses momentos como forma de objetivar as experiências vividas em outros campos de significação.

A experiência da realidade da vida cotidiana é partilhada com o outro. E a mais importante dessas experiências é a interação face a face. Na situação de interação face a face as expressões orientam-se de acordo com a interpretação que cada indivíduo faz do outro. Uma expressão de riso pode ser compreendida como reação de afeto ou de ironia. Somente no decorrer da relação face a face é que o indivíduo entenderá o verdadeiro significado da expressão sugerida pelo outro.

Outra forma de apreender o outro numa situação de interação face a face é através de esquemas tipificadores. O indivíduo pode apreender o outro como brasileiro, tipo jovial. Essas tipificações afetam continuamente as relações entre os indivíduos, pois a relação será modelada de acordo com as tipificações assimiladas pelos indivíduos. Os esquemas tipificadores são recíprocos. Cada indivíduo constrói ou apreende o outro a partir das informações recebidas no processo de interação face a face.

O conhecimento antecipado da situação de interação social possibilita a compreensão e localização do espaço/tempo dos indivíduos na sociedade, bem como o manejo de maneira apropriada. Neste sentido, a vida cotidiana ou a verdadeira realidade interpretadas por Berger e Luckmann configuram o espaço de conhecimento intersubjetivo dos indivíduos numa situação de interação face a face. Com isso, a linguagem, o espaço e o tempo, bem como o conhecimento da situação vivida pelos indivíduos, fazem parte de um mesmo processo de construção de uma realidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Goffmann constrói sua reflexão tomando o espaço social como cenário de uma representação teatral. Para ele, o indivíduo está sempre representando uma personagem dentro de um contexto e realidade social determinada. Neste sentido, ao representar uma personagem, o indivíduo busca convencer o público de que aquilo a que está assistindo é a verdadeira realidade.

A fachada pessoal e o cenário caracterizam os mecanismos usados pelo indivíduo como pano de fundo para sua apresentação. Para Goffmann, o espaço de representação é o local da interação em que participam os indivíduos na sociedade.

A análise de Berger e Luckmann busca explicar a realidade da vida cotidiana como a verdadeira realidade: “Só participo da vida cotidiana se estou em interação e comunicação com o outro” (Berger e Luckmann, 1987: 40), isto é, numa relação intersubjetiva.

Assim, a linguagem, o espaço e o tempo fazem parte de um mesmo processo de comunicação intersubjetiva experimentada pelos indivíduos.





É na situação de interação face a face que se caracteriza a verdadeira realidade, a realidade da vida cotidiana.

As duas abordagens apresentadas tomaram o indivíduo como personagem principal

da vida cotidiana e como produto de uma dada realidade social. Goffmann analisa os indivíduos como atores sociais. Berger e Luckmann analisam o indivíduo no espaço da vida cotidiana como co-produto da verdadeira realidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana”. In: *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 35-65.

GOFFMANN, Erving. “Representações”. In: *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 25-75.

